

Zonas de convergência intercultural: multiplicidade para a diversidade

Ricardo Martins Valle 

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil

Vento Sul

Em 2025, a **fólio – revista de letras** foi palco de debates para epistemologias e práticas contra-hegemônicas nos estudos linguísticos e literários.

No primeiro número deste volume (**fólio**, v.16, n.1), a chamada temática “Por um mundo onde caibam muitos mundos - Literaturas do Sul Global”, organizada pela pesquisadora Maryllu de Oliveira Caixeta, professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), reuniu estudos em perspectivas decoloniais e anticoloniais na Literatura. Neste novo número que aqui se apresenta (**fólio**, v.16, n.2), a seção **DOSSIÊ** atendeu à chamada temática proposta pelo professor Kleber Aparecido da Silva, da Universidade de Brasília (UnB) – “(Re)Pensando a Educação Linguística Crítica e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a partir de lentes decoloniais” –, num debate pautado pela tripla articulação: políticas educacionais, educação linguística crítica e praxiologias decoloniais.

Muito no espírito do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL-UESB), ao qual estão vinculados Maryllu de Oliveira Caixeta e Kleber Aparecido da Silva, o objetivo das críticas e propostas apresentadas nas seções temáticas dos dois números da **fólio** em 2025 é a promoção de uma educação linguística e literária comprometida em reconhecer e validar conhecimentos subjogados e práticas culturais periféricas,

transformar as estruturas curriculares excludentes e os cânones artístico-literários em favor de um projeto de educação para uma vida plena.

No presente **DOSSIÊ**, estudos de linguística aplicada produzidos na perspectiva da educação linguística crítica propõem uma crítica decolonial da BNCC, a fim de (re)pensar avanços e retrocessos, impasses e desdobramentos daquele documento homologado no triste ano de 2018, entre as ingerências do governo tampão que por Medida Provisória, sem lastro nem projeto, impôs um Novo Ensino Médio, e a ascensão da extrema direita ao poder no país, com perspectivas abertamente neocoloniais que se revelariam antidemocráticas e violentas em relação à diversidade e à emancipação.

Mesmo com o prazo apertado para submissão e tramitação do processo de avaliação devido às intercorrências técnicas nos bancos de dados que afetaram os periódicos da UESB no primeiro semestre deste ano que se fecha, reunimos neste **DOSSIÊ** sete artigos e uma resenha que debatem criticamente impasses e contradições da Base Nacional Comum Curricular e propõem práticas e princípios em educação linguística para a superação de injustiças, limitações e assimetrias que perpassam a educação escolar. Com efeito, os trabalhos aqui reunidos não apenas fazem a crítica teórico-epistemológica dos pressupostos eurocêntricos, neoliberais, colonialistas e individualistas que, em contradição consigo mesma, são perpetuados pela documentação norteadora das práticas curriculares no Brasil a despeito dos intuitos que nortearam décadas de elaboração coletiva do Plano Nacional de Educação.

Os artigos reunidos neste **DOSSIÊ** repensam a BNCC e/ou propõem práticas educacionais em nível teórico e prático, com ações pedagógicas que respondem a propugnações teóricas e com a discussão conceitual orientando a prática educacional. Essa dialética freiriana perpassa de forma muito dinâmica a série de trabalhos assinados por pesquisadores de instituições públicas e privadas de diversos estados do Brasil: Fernanda Coelho Liberali (PUC-SP), Milena Carmona (PUC-SP), Gloria Cortes Abdalla (FECAP), Sandra Santella de Sousa (PUC-SP), Marcos Vinicius Biagi Pereira (PUC-SP), Maria Cilene Lucas Vieira (PUC-SP), Francisco Rogiellyson da Silva Andrade (UFC), Deorge Lucas Lopes Martins (UFC), Dannytza Serra Gomes (UFC), Águida Luiza Dias Costa (UFT), Kleber Aparecido da Silva (UnB), Rosiana Silva da Silva (UNAMA) e Rosângela Araújo Darwich (UNAMA).

Ligados a projetos acadêmicos voltados a iniciativas educacionais e/ou de intervenção social, os resultados de pesquisa teórico-prática aqui publicados propõem, tanto no nível dos princípios quanto no nível das ações, outros olhares e perspectivas, outras práticas e fundamentos para uma educação linguística efetivamente emancipatória e inclusiva.

Como evidencia o organizador em sua Apresentação, a reunião de artigos selecionados para a seção temática deste número da **fólio** contribui para uma crítica à BNCC entendida como uma documentação não neutra, percebida como um artefato ideologicamente neocolonial, universalista, marcado por concepções eurocêntricas e neoliberais de cultura e subjetividade, de educação e emancipação social. Não bastando a crítica, cada um dos textos aqui reunidos convida à resistência e à insurgência curricular sobretudo a partir das agências docente e discente na reelaboração cooperativa do currículo, conforme alternativas epistemológicas situadas na perspectiva do Sul Global, na multiplicidade e diversidade desta “outra margem” simbólica e oposta aos “centros” político-culturais forjados pelo colonialismo e pelo patriarcado. Cada um dos artigos aqui publicados em resposta à provocação temática promovida por Kleber Aparecido da Silva considera particularmente rotas de fuga locais e comunitárias para se contrapor aos eixos dominantes da construção curricular. Como anteparo à persistência colonial, os trabalhos de excelência selecionados pelos pares privilegiam saberes e experiências periféricos, valorizando ações coletivas e insurgentes e tendo como horizonte ético-político para uma prática educacional efetivamente transformadora a justiça social, a diversidade cultural e a pluralidade das identidades e linguagens.

Enfim, a leitura do **DOSSIÊ** é um convite a repensar a BNCC e a educação linguística não como um destino fechado, mas como um território em disputa e em construção permanente e coletiva.

Em confluência com a proposta da chamada temática, muito oportunamente a **seção de resenha** acolheu a resenha de Júlio Araújo (UFC), trazendo os ventos da crítica, da luta, da esperança e do pertencimento que se enunciam no livro organizado por Grassinete Carioca de A. Oliveira (UFAC), Amilton J. F. Queiroz (UFAC) e André Effgen de Aguiar (UFES), Decolonialidade como prática de resistência e esperança no ensino-aprendizagem de línguas-

literaturas-linguagens. Como uma convocação à ação e à reflexão, os pesquisadores ali reunidos propõem uma ruptura epistemológica com as estruturas coloniais no ensino de línguas, literaturas e linguagens oferecendo um guia teórico e prático para educadores, pesquisadores e ativistas que pretendam construir práticas pedagógicas libertadoras, dialógicas e pluralistas. Os interessados podem inclusive acessar a obra pelo link que deixamos ao final da resenha, que remete à página dos Editores, que disponibilizam a obra gratuitamente para *download*.

Outras margens

Se entre o primeiro e o segundo número do volume 15 (2024) nós dobramos a quantidade de artigos editados, depois de um ano de silêncio, destaco entre as conquistas deste recomeço da **fólio** o fato de que, somente neste segundo número de 2025, reunimos a mesma quantidade de artigos do que todo o ano anterior, sem deixar de passar por rejeições na avaliação dos pares, por desistências e adiamentos que fazem parte do processo editorial para que seja bem feito. Outra meta mantida e alcançada nestes dois anos, e que se confirma neste número, é a diversidade de procedência dos trabalhos e pesquisadores, reunindo dez unidades das cinco regiões do país: Pará, Tocantins, Distrito Federal, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro, São Paulo, Ceará, Sergipe e Bahia, com rotas cruzadas ainda com a Argentina, a Nigéria e a Tunísia, que nos engrandecem na ampliação dos horizontes e na multiplicidade de direções de todos os ventos do Sul.

É verdade que não tivemos artigos para a seção **vertentes: estudos linguísticos e aplicados**, o que se explica pelo fato de que, nos pouco mais do que dois meses de produção deste número, os trabalhos neste campo das Letras foi completamente absorvido pela chamada temática do **DOSSIÊ**, de Kleber Aparecido da Silva (UnB). Na seção **interfaces: estudos de teoria e literatura**, porém, finalizamos quatro artigos que confirmam a vocação da **fólio** para as interfaces transdisciplinares, para a interlocução interartes, para a diversidade intercultural e para a internacionalização a partir de novos centros de um mundo multipolar em construção.

Em primeiro lugar, num trabalho em língua inglesa, trazemos um estudo político, histórico e literário sobre a tirania na tragédia *Ricardo III*, de Shakespeare, descrevendo a *damnationem memoriae* do personagem histórico que encerrou a

hegemonia da Casa de York na Inglaterra. A instituição romana da “danação da memória” foi empregada, em tradições monárquicas, como forma de controle do Estado sobre o passado, transformando personalidades controversas da vida política em memórias nefandas, destruindo monumentos e outros sinais de uma vida julgada maldita em sua passagem pelo poder, além de documentar hiperbolicamente narrativas sobre a perversidade e a crueldade de determinadas figuras tornadas infames para a memória coletiva em Estados centralizados. Escrito pela poeta e pesquisadora da Universidade de Túnis, o artigo de Oumeina Mouelhi demonstra como os elementos da filosofia política de Maquiavel compõem o caráter perverso e amoral do protagonista dentro de um quadro da propaganda dinástica que legitimava a ascensão de Henrique VII, da casa dos Tudor, que destronou Ricardo III, um século antes do reinado de Elisabete I, sob o qual surge o teatro de Shakespeare, duas gerações abaixo, na mesma casa real.

Além da relevância e da qualidade histórica e crítica de seu ensaio, a origem e o vínculo acadêmico de Oumeina Mouelhi nos traz uma poderosa simbologia de convergência anticolonial entre tantas convergências que marcam este número e este volume de nossa revista. Com efeito, a Tunísia é antes de tudo (e literalmente!) *l'autre rive*, a outra margem da diferença, aquele Outro a partir do qual as etnias da península europeia têm construído e legitimado sua própria identidade nos últimos sete séculos pelo menos. Além de ser uma cidade de exuberante cultura árabe desde a chamada Idade Média europeia, Túnis foi um dia a antiga Cartago, a grande cidade-Estado africana que, por duzentos anos, desafiou bravamente os primeiros séculos da expansão romana, sendo por fim invadida e destruída numa missão militar punitiva de Roma que resultou num verdadeiro genocídio que fez da atual Tunísia o ponto de partida para a invasão romana da África, cerca de um século antes da ocupação romana da Palestina, de que o cidadão ocidental médio só tem notícia, vaga e confusa, por causa da cristianização oficial de Roma a partir do século IV.

Em tempos de novas Obscuras Cruzadas, tenho que mencionar aqui que em nossos dias o porto de Túnis foi também o ponto de encontro de onde partiu a Global Sumud Flotilla, que reuniu centenas de embarcações e milhares de ativistas para levar ajuda humanitária ao povo palestino, visando furar o bloqueio marítimo e terrestre imposto sobre Gaza pelo regime de *apartheid* israelense, que

promove o maior genocídio colonialista já registrado ao vivo em imagens transmitidas em “tempo real” aos olhos indiferentes de todo o mundo.

Na mesma seção, demonstrando a força e o interesse dos estudos de crítica e história literária, seu caráter transdisciplinar e suas possibilidades transgressoras e emancipatórias, a **fólio** traz um artigo sobre escrita de si e autoficção nos diários de Anais Nin, essa figura por excelência intercultural e interartes. A artista de origem franco-cubana, filha de pais também artistas, transitou desde a infância entre a França, onde nasceu e para onde retornou na juventude, e os Estados Unidos, onde foi criada pela mãe após o divórcio e para onde retornaria após a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Em pesquisa desenvolvida no PPGCEL-UESB, Andreia Souto e Lara Cerqueira Albuquerque analisam os diários semificcionalis da célebre escritora de literatura erótica, indicando o impacto da psicanálise, do surrealismo e de outras influências poéticas como a de Henry Müller sobre a atitude e a escrita transgressoras de Anais Nin, que nos anos 1930 frequentou círculos de uma boemia literária francesa que assistia perplexa o recrudescimento das tensões que resultaram na Segunda Guerra.

As autoras demonstram como a obra de Anais Nin trouxe uma perspectiva feminina à literatura erótica, dominada pelo olhar masculino e heteronormativo, num contexto de crescente tensionamento do tecido social e cultural europeu, no qual mulheres inquietas não deixaram de ser outra espécie de “outra margem”, impondo-se como a diferença que tem constituído e legitimado a agonizante identidade masculina do patriarcado ocidental. O artigo nos apresenta o caráter transgressivo e performativo de uma juventude feminina europeia emparedada pela crise econômica do entre-Guerras, pelo conservadorismo de uma sociedade resistente às lutas por direitos que as vanguardas culturais do século XX encamparam e pela ascensão da ultradireita nazifascista e totalitária, que vemos hoje ressurgir como lobo sob a pele do cordeiro sacrificado no Holocausto daqueles mesmos anos.

Na sequência, publicamos um artigo sobre angústia, amor e (auto)conhecimento em Clarice Lispector. No fluxo das convergências, confluências e co-incidências, Clarice, ainda que quase 20 anos mais jovem, faleceu no mesmo ano de Anais Nin, selando a contemporaneidade dessas duas escritoras libertárias e gigantescas que atravessaram e foram atravessadas pelo século XX. Trata-se de outra vida cruzada pelas tensões do entre-Guerras na ponta ocidental do continente

asiático a que chamamos Europa. Se temos o privilégio de ler em língua portuguesa do Brasil a obra extraordinária de Clarice, isso também é consequência dos conflitos bélicos causados pela expansão europeia dos últimos sete séculos; conflitos que se refletem na geopolítica internacional pelos desdobramentos dos projetos coloniais europeus em todas as regiões do planeta. Fugindo dos pogroms antisemíticos de 1918 a 1920, promovidos pelos nacional-socialistas separatistas ucranianos, ligados a Petliura, foi que a família de Clarice Lispector chegou ao Nordeste brasileiro nos primeiros anos de sua vida, radicando-se no Recife.

Clarice é uma presença persistente nos volumes da **fólio**. Neste número, trazemos um trabalho que se desdobra da tese de doutoramento de Jenifer Ianof de la Fuente, recentemente defendida na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo (DLCV-USP), sob a orientação de Yudith Rosenbaum, que integra nosso Conselho Editorial desde a fundação da revista, sem que por seu intermédio esse trabalho tivesse chegado até nós. Numa dessas coincidências, ou confluências, que, por mística ou artifício, esta apresentação sublinha, preciso registrar que, ao solicitarmos uma sugestão de parecerista à nossa conselheira, que já não se lembrava de sua participação no Conselho da **fólio**, a professora de Literatura Brasileira da USP reconheceu, um tanto surpresa, o argumento da tese de sua orientanda, pelo simples resumo anônimo da submissão, o que demonstra a originalidade e singularidade do trabalho e a cumplicidade verdadeira na orientação da pesquisa. Fundamentado na leitura das obras de Lacan e Freud, o artigo foca na centralidade da psicanálise para o entendimento da função da angústia em *Uma aprendizagem, ou O livro dos prazeres*, como uma obra atravessada pela sexualidade feminina a partir do convite socrático do “conhece-te a ti mesmo”.

Por fim, num debate teórico-experimental sobre duas formas de criação no campo da performance, Fernando Davidovitsch compara as poéticas do biodrama e da dança depoimento a partir de experiências com danças tradicionais judaicas trabalhadas em estágio pós-doutoral na Facultad de Filosofía y Letras, da Universidad de Buenos Aires (UBA). Seu artigo problematiza a identidade e os limites entre duas linguagens cênicas contemporâneas: a dança depoimento, oriunda do campo da dança, e o biodrama, oriundo do teatro documental. O ensaio, que resulta de pesquisa teórica e empírica, demonstra que as semelhanças superficiais entre as duas linguagens performáticas

escondem diferenças epistemológicas profundas e características específicas enquanto gêneros contemporâneos da expressão artística. A investigação nasce da experiência prática do autor, dançarino e coreógrafo, com a criação do espetáculo “O jogo da dança israeli”, uma obra que mescla depoimentos autobiográficos falados e intervenções coreográficas. O trabalho aponta para um lugar de autonomia da dança em face de outras modalidades e linguagens das artes cênicas, apresentando-se como um gesto político de defesa da dança como área de conhecimento, entendendo que subordinar a dança depoimento ao “guarda-chuva” do biodrama resulta em um apagamento das especificidades e das lutas históricas do campo coreográfico.

Na seção **práticas de invenção**, o jovem escritor brasileiro Raeltom Santos Munizo, graduado em Letras pelo Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL-UESB), com mestrado em Memória, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS-UESB), publica dois contos inéditos. Numa dicção muito particular que já configura seu estilo desde o belíssimo “Maria e os ventos caídos” (*Opiniões*, n.22, 2023), conto que já nasceu clássico na singularidade agreste de um trabalho elocutivo muito refinado e uma representação muito sensorial do amor e do ódio, da vingança e da covardia. Em “Hoje, dia de Geada” e “Vou debulhar seu desespero”, que aqui trazemos, Raeltom Munizo aprofunda e desenvolve as mesmas aberturas temáticas em tramas muito locais e gerais ao mesmo tempo. Suas histórias poderiam ter saído de tresleitura de crônicas e causos que um dia serviram de mote para peças de Shakespeare ou contos de Guimarães Rosa, mas faz também pensar em narrativas de origem cantadas por pajés Xamatari-Yanomami, sobre o mel e o mal, em metamorfoses do amor e do ciúme. Histórias entre o mítico e o fantástico, transcorrentes entre riachos, *caminhos quase estrada* e velhas paredes sem suspiro, que não testemunham nada do que encobrem ou viabilizam. A testemunha nessas narrativas é o olho interno da invenção que se faz quase sempre presente na metalinguagem que explicita a fabulação ficcional e simula uma tradição do ouvir dizer de tempos antigos ou a aparição de personagens e seus enredos que se encontram na conversação do narrador com o leitor.

Numa tripla fábula erótica, é o próprio Amor personificado quem se narra em três narrativas internas, em lusco-fusco, atravessando a carne trêmula,

escorrendo como suor e falta, desconsiderando o desastrar do desejo, no ato suspirado pelas alcovas, no fato sussurrado em versos e *prosas*. Numa narrativa histórico-fantástica do tempo da escravidão, dentro e fora das paredes de uma casa grande, histórias de confinamento, orgulho e resistência, reunidas pelo amor, encontram-se no desencontro da violência das distinções, da injustiça e da crueldade, que sujam o chão de territórios da memória e da invenção.

Quatro textos promissores compõem a seção **NASCENTES**, que recolhe contribuições notáveis dos marinheiros de primeira ou segunda viagem, com trabalhos de brilho escritos por graduandos e graduados engajados em projetos de Iniciação Científica, co-assinados por seus orientadores, além de mestrandos e mestres destemidos no trabalho solo, em suas primeiras publicações acadêmicas. Um pouco na contra-mão do que a consideração estrita das estratégias métricas de qualificação de periódicos pode sugerir, decidimos como uma das diretrizes de nosso Plano de Desenvolvimento Editorial apostar até um quinto da publicação de cada número em contribuições acadêmicas que guardam o viço do desejo, alheias a certas cautelas e cansaços do hábito e da carreira, e que por isso mantêm a energia, o vigor e mesmo certa inconsequência dos inícios da viagem.

Assim, temos a honra de publicar uma leitura feminista do romance *The Joys of Motherhood* (1979), de Buchi Emecheta, assinado pela pesquisadora nigeriana residente no Brasil Osaro Isi Oghadeva, do PPGCEL-UESB, no desafio de escrever em português para um público brasileiro uma análise aguda e fundamentada de uma escritora da primeira geração do feminismo nigeriano. Ao lado dela, temos um trabalho teórico em Literatura Comparada Descolonial, assinado por Ricardo Richard Ramos e Daniela Mantarro Callipo, da Faculdade de Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), trazendo um debate sobre descolonização por meio da abordagem crítica no âmbito da Literatura Comparada. Em outro texto no campo da performance, editamos (ou salvamos do naufrágio do número anterior, em que a identidade de muitos autores se perderam...) o trabalho de Anna Carolina Campos, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que propõe uma crítica decolonial perspectivada por epistemologias do Sul Global numa reflexão comparativa no campo da performance e das artes visuais. Em seu trabalho, a autora aborda os registros de cultura popular feitos por Leda Maria Martins sobre os Reinados e Congados no

Brasil e o trabalho da artista plástica Cecilia Vicuña que recupera em apropriação estética tradições Inca dos *quipumayoc* – ou *quipumayec*, como grafa Gramiro de Matos, que, numa dessas extraordinárias-quase-mágicas convergências que marcam este número da **fólio**, também refere a prática mágico-histórico-contábil dos sacerdotes Inca que manuseiam o *quipu*, nos originais de 1978 de *A Conspiração dos Búzios*, que tivemos o privilégio de trazer na seção **ARQUIVO**, que se inaugura neste número com o fim de reverberar a obra desse grande artista brasileiro com quem tivemos a honra de colaborar nos últimos meses de sua vida. Por fim, Daniel Zanchet da Rosa usa a criatividade docente para driblar as limitações de recurso no ambiente pandêmico de ensino remoto e transformá-las em novas possibilidades, inclusive para subverter e descolonizar o ensino da língua europeia de prestígio e, coincidentemente, valendo-se da cultura Inca como expediente temático para concretizar sua proposta e estratégia de descolonização do ensino de língua alemã.

Novos ventos em zonas de convergência

A Tunísia é a margem oposta que, como a Argélia de Derrida, territorializa o Outro perante a monocultura humana que se impõe ao mundo a partir do Atlântico norte. A Argentina de nossos queridos *hermanos* são em certos sentidos nossa outra margem nesse espaço compartilhado de colonização, devastação, escravidão, eugenia e mais ingerências político-econômicas e sócio-culturais vindas do Norte, que nos unem e nos separam. A Nigéria “inglesa”, bem como a Angola e a Guiné “portuguesas”, mães-irmãs na experiência colonial brasileira, entre o Congo “belga”, que abriga outra Amazônia, e a Namíbia “alemã” – que ultrapassam provavelmente quaisquer outras nações em termos de violência sofrida na experimentação de desumanidade do projeto colonial – formam juntas a *nossa outra margem* e nossa principal matriz. Num número e num volume marcados pela luta anticolonial em diversas perspectivas para os estudos linguísticos e literários, não deixa de ser importante sublinhar, no percurso da **fólio**, que nossa internacionalização tem se dado “de baixo para cima”, ou melhor, “das bordas para o centro”. E sendo assim, uma vez que a comunicação no Brasil é ainda muito indiferente ao que sofrem outras periferias do mundo eurocentrado, é nossa obrigação denunciar também o ataque militar do

imperialismo neocolonial dos Estados Unidos da América contra a Nigéria, utilizando a desculpa de combater extremistas islâmicos com o fim evidente de submeter o maior produtor de petróleo do Continente Africano.

Sul Global, Pós-colonial, Decolonial, Descolonial, Anticolonial, Epistemologias do Sul contra colonialidades e colonialismos persistentes: não se trata de disputa pelo vocábulo mais eficaz ou pertinente. Trata-se de tomar de assalto todos eles; ocupar alguma porção da perspectiva hegemônica; garantir que esses termos não sejam apropriados por outras vertentes em disputa, nas formas neoliberais do “desenvolvimento sustentável”, da perpetuação do avanço colonial em discursos de meio-termo, que tomam todas as terminologias para seus próprios interesses, contornada a crítica anticolonial para a perpetuação da condição colonial. Processos de luta de independência pós-colonial precisam totalizar-se estilhaçando-se. Por isso as epistemologias do Sul vêm de todas as direções.

Meneios de incompletude: *Não há morte para o vento*

Tal como a matriarca viúva que não conseguiu se aprontar para sentar-se ao banquete, porque até a última hora cuidava o ponto do Peru de Natal, depois de desencaixotar a poeira da prataria de latão, de lavar e passar as toalhas de ocasião, de revisar a louça suficiente aos convivas e de ajustar os detalhes para o lugar de cada um à mesa da festa, estragando o apetite no experimentar o ponto dos legumes no arroz, o sal da farofa e do salpição, para depois da meia noite ainda comer os restos deixados pelos comensais: assim também o Editor-Chefe que sobreviveu à equipe no último dia de ano, repassando títulos, subtítulos, resumos, referências, detalhes da diagramação, lembranças e esquecimentos de última hora, não foi capaz de banhar-se do suor *olioso* da boca do forno e não conseguiu concluir a sua parte, que é esta, já sem apetite para a invenção do que cabia só a si mesmo e por isso.

Dá-se então ao luxo de sentar-se à banquinha junto à mesa-de-passar na área de serviço, desde onde decide na suprema ínfima desobediência acadêmica entregar assim em rabisco de papel de pão o texto que lhe caberá escrever na ressaca do depois da festa, em que nem um filho rebelde lhe pôde entrar em defesa, para oferecer o grande naco de peru que nem seu apetite nem sua vaidade esmagada pela vida poderiam aceitar. Demodo que.

Aqui neste rascunho fica a promessa de uma síntese de um tudo que se arranjará, na esperança do ano que há de vir, quando a revista, neste v.16, n.2 (2025), precisa ficar no ano que em breve terá passado. Mas ainda que, como se diz, todo dia é sempre um dia depois do outro, neste caso extremo de fogos e artifícios, para todos os efeitos precisa o cutelo bater e o rabo do peixe cortar num *enjambement* do cozinheiro branco, sobre a primeira quarta parte desta bancada do quadriênio.

Uma vez que, depois de revisarem o volume em suas bolsas e os próprios haveres aviados para o número, ainda os autores poderão telefonar para recuperar algum pertence esquecido sobre a mesa ou sob ela, nesses próximos dias que vir hão aproveitarei a coreografia deixando para o dia depois do um o consertar o concerto das coisas que ficaram para trás, sobre a mim mesmo. Quando tiver de varrer de embaixo dos móveis as migalhas caídas, salvar do ralo os brincos esquecidos no canto da pia e as gravatas sem nó da fenda do sofá, quando tiver de abaixar para pegar os anéis de saturno que rolaram para trás do fogão e melancolicamente limpar a bagunça da arrumação impecável de ontem, que é hoje, da sempre apressada da festa, farei meu prato com bons pedaços e fartas colheres coloridas em passa, ervilha e milho-verde sem espiga.

Enfim, todos os meneios são para dizer que não fui capaz de concluir o tecido desta Apresentação no tempo da publicação. Mas, quem diz é o poeta cor de abará:
não há morte para o vento.

Refiro-me a Gramiro de Matos/Manuel Faustino dos Santos Lira, autor-personagem da sublevação anticolonial da mais profunda crítica tropicalista da violência colonial dos anos 1970 e da primeira revolta popular negra anticolonial dos anos 1790.

Na seção **ARQUIVO**, no final deste número estamos finalizando neste momento as páginas e imagens selecionadas da primeira edição do romance *A Conspiração dos Búzios (Saga da Revolução dos Alfaiates – Cidade [de São] Salvador – Bahia)*, e a notação bibliográfica desse material, que ajudem a elucidar aspectos de sua leitura e indicar a potência dessa obra de arte que nasceu e permaneceu à margem mesmo após sua republicação em 2016. Estes e outros originais foram obtidos graças ao trabalho de Leonardo D'Avila, do Universidade Federal de Santa Catarina (UFC), Jordi Cerdà, da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB) e de Maryllu de Oliveira Caixeta, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Nosso objetivo é neste e nos próximos dois números da **fólio** disponibilizar arquivos

visualmente significativos para a divulgação da obra desse grande artista cuja radicalidade de posicionamento político e de expressão formal lhe rendeu o silêncio de sua geração. Tivemos a honra de recebê-lo numa mesa de debates em evento promovido por Maryllu Caixeta no PPGCEL-UESB menos de dois meses antes de seu falecimento. Por um verdadeiro desastre, mal o pudemos ouvir por alguma questão técnica na transmissão, mas estivemos virtualmente com esse artista resistente e resiliente que antecipa tantas questões que convergem neste número: o anticolonialismo, a resistência negra, a integração do Brasil na América Latina, as relações Brasil-África, a diversidade linguística, as confluências multiculturais, etc. Por todas essas razões e para por mais tempo podermos falar de Gramiro de Matos, dividimos o vasto material obtido por meio desses pesquisadores dedicados à obra produzida por Ramiro Silva Matos Neto, o Ramirão-ão-ão, para distribuí-lo pelos próximos números, sempre se fazendo acompanhar por debate crítico e historiográfico acerca desta obra extraordinária, tornada rara ainda que tão próxima de nós no tempo e no espaço.